



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

RAFAELA CAVALHEIRO DO ESPIRITO SANTO

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-679

Entrevistada: Rafaela Cavalheiro do Espírito Santo

Nascimento: 03/07/1987

Local da entrevista: ESEF/UFRGS - Porto Alegre

Entrevistadora: Claudia Yaneth Martínez Mina

Data da entrevista: 02/07/2015

Transcrição: Luiza Loy Bertoli

Copidesque: Claudia Yaneth Martínez Mina

Pesquisa: Claudia Yaneth Martínez Mina e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 38 minutos e 44 segundos

Páginas Digitadas: 20 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Incentivo familiar; Escola e estudo; Experiência esportiva na escola; Competições escolares; Experiência na escolinha do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre; Experiência na escolinha do Sport Clube Internacional; Futsal universitário; Experiência no time de futebol no estado de São Paulo; Futebol profissional Feminino; Significados da prática esportiva; Experiência como treinadora de futsal universitário.

Porto Alegre, 03 de julho de 2015. Entrevista com Rafaela Cavalheiro do Espírito Santo a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Oi Rafaela, muito obrigada por aceitar fazer a entrevista relacionada com a tua história de vida dentro do futsal.

R.S. – De nada.

C.M. – Rafa, eu queria saber primeiro, como você começou a jogar futebol, futsal, quais são suas lembranças da primeira vez que bateu numa bola?

R.S. – Onde eu morava, só tinha meninos, tirando eu e a minha irmã. E eu me lembro com cinco anos, na frente de casa, tinha um terreno meio baldio, a gente jogava... Comecei a jogar com os meus amigos, meus vizinhos mesmo. Comecei a jogar com eles e foi a primeira recordação, onde eu lembro de jogar bola, foi com os meus vizinhos mesmo.

C.M. – E também tinha meninas ou eram só meninos?

R.S. – Não, eu era a única menina.

C.M. – E você, como se sentia no meio de meninos jogando?

R.S. – Olha, na época, eu me lembro que o pessoal, os vizinhos, não gostavam muito. Nem a minha mãe gostava, na real. Comecei a andar com eles e fazer todas as brincadeiras de meninos. Mas no grupo, em si, entre nós, não tinha nenhum problema, porque eu jogava melhor que eles, mas fora, o pessoal não gostava muito, os adultos normalmente não gostavam que eu jogava com eles, mas depois foram aceitando.

C.M. – E bom, você falou que sua mãe não gostava muito que você jogasse, por quê?

R.S. – Ela não gostava, porque todo mundo dizia que eu ia me tornar um menino, que eu ia ficar masculinizada pelo fato de eu andar só com guris. Porque eu e a minha irmã, éramos as únicas meninas do bairro, onde nós morávamos próximo, ela gostava muito de brincar de boneca, e eu não gostava, gostava de esportes, e por isso que eu fui jogar futebol com eles. Minha mãe não gostava pelo fato de ser só eu de menina jogando futebol.

C.M. – E alguém da família incentivava você a jogar futebol?

R.S. – O meu tio, que ele é o único colorado¹ da família. Ele falou que eu jogava bem e ele dizia que eu tinha que continuar jogando. Então, no início foi difícil, porque ninguém gostava, mas depois todo mundo viu que eu jogava bem contra os meninos e o pessoal aceitou. Até a minha mãe e ela sempre incentivou.

C.M. – Você estudou em uma escola particular ou pública?

R.S. – Eu comecei no público e fui para o particular.

C.M. – Quando você começou a ir para a escola, também jogava, começou a jogar futebol, ou futsal?

R.S. – Sim, jogava.

C.M. – Como foi sua experiência?

R.S. – Eu lembro que eu jogava e os meninos adoravam, e queriam que eu sempre jogasse no time deles, mas sempre tinha um preconceito na turma, porque eu jogava. Então, as meninas principalmente, brigavam e implicavam comigo, porque eu jogava futebol com os meninos.

C.M. – E elas, o que falavam para você?

¹ Torcedor do Sport Clube Internacional.

R.S. – Ah! Me xingavam. Diziam que eu era um guri, que como eu andava com eles, elas diziam que eu era um guri, que não gostavam que eu jogasse com eles. Quando eu ia falar com elas, elas também não gostavam.

C.M. – Na escola, você jogava no intervalo das aulas?

R.S. – Isso. No colégio estadual, sim.

C.M. – E como eram as aulas de Educação Física?

R.S. – Bah! É que na escola estadual, eu fiquei da primeira a terceira série. Mas normalmente era bola só, e jogo.

C.M. – E quais esportes jogavam nessas aulas?

R.S. – Futebol e vôlei. De primeira a terceira série. Quando eu fui para a escola particular, eu tinha educação física tradicional, com professor orientando, atividades psicomotoras e nisso, na escola particular, já foi totalmente diferente, a aceitação de eu jogar futebol com meninos e lá na escola particular, já tinha meninas que jogavam, então foi bem mais fácil. Nós montamos uma equipe na quinta série, fomos jogar jogos no Paraná, representando o colégio, então já era bem mais diferente.

C.M. – E naquela primeira série, quando organizavam as aulas de Educação Física, separavam ou cada pessoa escolhia?

R.S. – Cada criança escolhia o seu esporte.

C.M. – E você escolhia jogar...

R.S. – Eu sempre escolhia jogar futebol.

C.M. – E algumas outras também escolhiam jogar futebol, ou só você ficava jogando futebol com os meninos?

R.S. – Eu me lembro que só eu escolhia jogar futebol. E no início até foi difícil, porque os meninos não aceitavam muito, depois que eles viam que eu jogava um pouquinho direitinho e eles aceitaram. Mas no início era difícil de aceitar.

C.M. – Bom. E depois, quando você passou para a escola particular, você me falou na quarta série, isso?

R.S. – Isso, quarta série.

C.M. – Como eram essas aulas de Educação Física?

R.S. – Eram aulas planejadas e organizadas com a professora.

C.M. – E como ela fazia a divisão? Como vocês escolhiam os esportes?

R.S. – Na quarta série não tinha divisão de meninos e meninas. A gente teve divisão a partir da quinta série. E na educação física, na quinta série, já tinham determinados esportes, mas nós, as meninas, praticavam todos os esportes: vôlei, basquete, dependendo do planejamento da professora, teriam tais e tais esportes.

C.M. – E você me falou que tinham um time nessa escola?

R.S. – Sim.

C.M. – E como eram os treinos nesse time?

R.S. – Quem começou o time foi eu e uma outra amiga que já jogava. E nós incentivamos as meninas a vir e participar também, mas o professor de Educação Física, que era o professor dos meninos, como ele gostava de ver nós jogando, eu e minha amiga; ele gostou

e meio que adotou o time. Então era ele quem dava o treino para nós, incentivava as meninas a praticar o esporte. Mesmo ele sendo treinador só dos meninos, ele incentivou as meninas à prática.

C.M. – Vocês tinham treinos também?

R.S. – Tínhamos treinos depois da aula. Era turno inverso ao da aula, nós tínhamos duas a três vezes na semana que nós treinávamos.

C.M. – Vocês treinavam com meninos também, ou só com meninas?

R.S. – Não, só com meninas.

C.M. – Participaram de campeonatos na escola?

R.S. – Nós jogamos na escola, participamos de um campeonato que são os Jogos Vicentinos², que foi no Paraná. Então eram jogos onde reuniam a rede Vicentina das escolas de todo o Brasil, então se encontravam no Paraná e tinha diversos jogos. Tinha vôlei, basquete, futsal e, se não me engano, ficamos em terceiro lugar naquela edição.

C.M. – Você, além de jogar dentro da escola, também jogava fora da escola?

R.S. – Sim. Quando eu tinha cinco anos, eu jogava só com os meninos e o meu tio viu que eu jogava um pouquinho bem e falou para a minha mãe: “Olha, quem sabe tu não bota ela numa escolinha de futebol?” E a minha mãe procurou uma escolinha que tivesse só de meninas e de futsal, e não tinha na época. Então, eu fui para uma escolinha de futsal que só tinha meninos. Até os meus sete anos, não tinha problema de eu jogar com os meninos. Eu me lembro que na metade da época em que eu estava lá, entrou uma menina, mas depois ela saiu, então só ficou eu. Quando eu tinha mais ou menos sete anos, o professor chamou a minha mãe e disse: “Olha, agora ela já está crescendo, os meninos já estão crescendo e

² Jogos entre as escolas vicentinas.

fica difícil de controlar só a Rafaela num grupo de meninos”. E aí ele sugeriu que minha mãe procurasse uma escola de futebol feminino. Na época, meu avô é um gremista fanático, e procurou para saber se tinha escolinha no Grêmio³, e na época tinha escolinha no Grêmio, e a minha mãe foi lá, eu lembro de ir no Olímpico⁴ para falar com o diretor do Grêmio, só que eu tinha sete anos e eles aceitavam meninas a partir dos dez, onze anos. Então, eu não pude entrar lá. Daí nós voltamos para casa, me lembro até hoje, era um dia nublado, voltamos para casa e o meu avô abriu a Zero Hora, que é o jornal de Porto Alegre, e tinha uma chamada da escolinha de futebol feminino do Inter. E a minha mãe me levou, mesmo o meu avô sendo gremista e não aceitando. E foi aí que eu comecei no Inter⁵, desde os meus sete anos, até os meus dezesseis, dezessete anos, eu fiquei lá.

C.M. – Você sabe o porquê dessa escola do Grêmio só aceitava a partir dos dez anos?

R.S. – Não sei te dizer.

C.M. – Mas os meninos também?

R.S. – Não, os meninos eram menos idade. Só nas meninas que tinha essa idade mínima inicial.

C.M. – Como foi essa experiência de estar em uma escolinha só com meninos?

R.S. – Só com os meninos?

C.M. – Sim.

R.S. – Eu não me lembro. Eu lembro que não tinha muita diferença. Tanto que eu tenho fotos hoje, vejo as minhas fotos com todos os meninos e eu não vejo diferença. Como eu acho que a idade era, como éramos pequenos, não tinha diferença, tanto física quanto

³ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

⁴ Estádio Olímpico monumental, antigo estádio do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

⁵ Sport Clube Internacional.

tecnicamente. Eu me lembro que mesmo sendo diferente, eu era menina e a maioria eram meninos, não tinha tanta diferença técnica, nem física. Então a partir dos sete anos, oito anos, começou a ter uma diferença, e eu sentia que não conseguia jogar e o professor também sentiu. Mas dentro do grupo lá, não tinha nenhum preconceito. O que eu me lembro muito na época, é que a minha primeira aula que eu cheguei na escolinha e o professor me abraçou e disse: “Olha...” Chamou os meninos e disse: “A Rafaela, ela vai jogar com a gente”, então, ele fez toda uma apresentação na época. Isso eu lembro bem forte, bem bacana.

C.M. – Depois você ingressou na escolinha do Inter, sim?

R.S. – Isso.

C.M. – Como foi essa experiência dentro dessa escolinha?

R.S. – Primeiro foi muito boa, pelo fato de eu estar no meio de meninas. E na época eu lembro que a Duda⁶, era a nossa professora, era referencia no futebol feminino. Na época ela tinha sido convocada para a Seleção Brasileira, tinha voltado da Itália. Então ela se tornou a minha referência. Todos os treinos, tudo a gente visava chegar na postura dela, chegar onde ela já chegou. Então ela era, é até hoje referencia, não só minha, mas de todas as meninas que jogam.

C.M. – Em que ano foi?

R.S. – Acho que foi em 1997.

C.M. – Como eram os treinos nessa escolinha?

⁶ Eduarda Marranghelo Luizelli.

R.S. – No Inter começou com futebol de areia, que lá atrás do Beira Rio⁷ tinha o Parque Gigante⁸. Então era um futebol de areia, era bem difícil, porque começar com o futebol de areia era meio complicado. Eu saí do futsal e fui para a areia. Mas tinham treinos bem analíticos, que a gente chama: de passe, condução de bola. Era bem escolinha mesmo. E depois o Inter fez uma reforma no Parque Gigante, colocou grama sintética, então já melhorou um pouco, a gente já treinava na grama sintética. Eu lembro que na escolinha não tinham muitas meninas pequenas, da minha idade, então muitas vezes nós treinávamos com meninas mais velhas, e isso durante o jogo, dificultava um pouco, mas a gente conseguiu dar sequencia depois com o aumento do futebol feminino no Rio Grande do Sul, com a divulgação, começou a entrar meninas da nossa faixa etária e foi dividido as turmas, melhores.

C.M. – Quem dirigia os treinos eram homens ou mulheres?

R.S. – Quem nos treinávamos eram homens, profissionais de Educação Física.

C.M. – Quem os acompanhava nos treinos?

R.S. – Eram os pais. [riso]

C.M. – Os pais?

R.S. – Todos os pais. Os pais, desde o início, sempre foram muito fiéis a nós. Eu lembro que a mãe ia, as mães e os pais das nossas colegas de time, sempre nos acompanhavam. A maioria eram pais que sempre incentivaram. Não tinham torcedores que acompanhavam o esporte, acompanhavam a equipe. Não, eram sempre os pais.

C.M. – E como era sua relação com as colegas da escolinha?

⁷ Estádio do Sport Clube Internacional.

⁸ Campo e Estádio de Futebol do Sport Clube Internacional.

R.S. – Sempre foi muito boa. Sempre, sempre foi boa. Nós tínhamos um grupo desde os nossos oito, nove anos, nós formamos um grupo de meninas da mesma faixa etária e nós mantivemos nossa amizade. Tem meninas que eu tenho amizade até hoje. Então a gente mantém contato.

C.M. – Até que idade você fez parte dessa escolinha de futebol?

R.S. – O Inter fechou em 2003, 2004. Eu tinha mais ou menos dezesseis, dezessete anos. Porque a escolinha em si, eu joguei entre sete e oito anos até uns doze, treze anos. Depois foram divididas as categorias de base. Eles formaram o sub-13, sub-15, sub-17 e a equipe principal. Então eu sempre fiz, passei por todas essas seleções. Quando eu passei, eu estava no sub-17, que eu ia para o profissional, o Inter fechou. Teve que cada uma ir para um outro time.

C.M. – E depois que o Inter fechou, você continuou treinando em algum outro lugar?

R.S. – Sim, continuei. A Duda montou outras equipes com outras parcerias e eu sempre acompanhei ela. Nesse período, também, eu fui jogar na Ulbra⁹. Joguei um ano na Ulbra, só que não era um esporte universitário, a gente jogou o campeonato Municipal. E depois voltei, joguei em Santa Catarina, eu tinha uns treze, quatorze, quinze anos quando fui jogar no Juventude de Santa Catarina. Particpei do campeonato estadual e dos jogos regionais. Sempre jogando e voltando com a Duda. Onde a Duda estava a gente acabava formando equipe.

C.M. – Toda a sua experiência foi com o futebol?

R.S. – Sim.

C.M. – E desde quando você começou a jogar futsal?

⁹ Universidade Luterana do Brasil.

R.S. – Futsal foi, competitivo, 2000, 2001, que o Inter formou um time de futsal feminino e o treinador era o Camarão¹⁰, que é o marido da Duda. Tinha equipe que jogava estadual e uma equipe que não jogava estadual. E quem não jogava estadual, jogava Municipal, que era a categoria de base. Então, a gente começou a jogar, tanto que fomos campeãs do campeonato municipal de Porto Alegre e representamos Porto Alegre nos jogos Intermunicipais, que é o JIRGS¹¹, que nós fomos campeãs também. Então, foi desde aquela época, aquele time foi o meu primeiro time competitivo de futsal mesmo.

C.M. – Depois, no colégio. Qual que é o nome do colégio já na adolescência?

R.S. – O colégio foi o Santa Cecília¹².

C.M. – Você continuou jogando no colégio?

R.S. – Jogava interséries, que a gente chama. Eu também troquei de colégio, a gente acaba jogando interséries que eram competições entre as séries do futebol. Jogamos umas duas vezes, duas competições só.

C.M. – E fora do colégio não jogavam?

R.S. – Com a equipe do time, do colégio?

C.M. – Isso.

R.S. – Não. Aí era só... Única competição que eu joguei fora do colégio, foi essa competição no Paraná. Os demais eram tudo dentro do colégio.

C.M. – Por que você não participava fora?

¹⁰ Renato Lopes Camarão.

¹¹ Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

¹² Colégio Vicentino Santa Cecília.

R.S. – Porque na época não tinham os jogos colegiais fora da escola. Nós jogamos, até bem lembrado, eu joguei o primeiro jogo que era... Tinha uma competição que se chamava Guri Bom de Bola¹³. E eles montaram um Guri Bom de Bola só que para as gurias. Então foi a primeira edição e ainda estava em reformulação, eles iam começar a montar essa competição, ampliar para o futebol feminino. Eu me lembro que eu joguei a primeira edição, mas foi bem fraca a competição.

C.M. – Você acha que no colégio incentivavam a prática de futsal, ou de futebol, com as meninas?

R.S. – No colégio, eu participei de vários colégios. Eu mudei de colégio umas três, quatro vezes. A única escola que eu tive incentivo foi essa, que foi a Santa Cecília, esse que eu fui para o Paraná. Os demais, eles não incentivavam a prática do futebol feminino. Eles incentivavam que as meninas jogassem vôlei, que corressem, que fizessem qualquer coisa menos futebol.

C.M. – E de que jeito incentivavam as meninas para jogar vôlei e para jogar esses outros esportes?

R.S. – Eles, simplesmente, só deixavam as meninas jogarem aquilo ali. Eu quem sempre solicitei para a professora que me deixasse jogar futebol. E para as meninas era direcionado o vôlei: “Vocês vão jogar vôlei. A bola de vôlei está aqui” “Vocês vão correr” ou “vocês vão jogar basquete” qualquer coisa. Então eu chegava para a professora “Ah professora, eu jogo futebol, queria jogar bola”, aí ela me deixava jogar com os meninos. Sempre perguntando se eu achava que não ia me machucar. Mas eu sempre jogava. [riso]

C.M. – Como você conheceu o time da UFRGS¹⁴?

R.S. – Eu entrei na faculdade, fiz a graduação no IPA¹⁵ e nós jogamos os jogos Universitários em 2006, 2007. Nisso eu fui para São Paulo, não tinha UFRGS ainda, se eu

¹³ Competição que reúne equipes escolares de futebol de campo.

não me engano, nós jogamos o JUGS¹⁶, mas era Feevale¹⁷, Ulbra, eram outras equipes. Em 2007 eu fui para São Paulo, morei em São Paulo, que eu fui jogar no São Caetano Futsal. Quando eu voltei em 2008, no JUGS a UFRGS já tinha entrado. O primeiro ano, se eu não me engano, foi 2008 da UFRGS. E eu fui para assistir os jogos, eu fui assistir o JUGS, porque eu tinha retornado ao IPA, e o IPA não tinha fechado time para o futsal feminino, não participou; e eu fui assistir aos Jogos Universitários. Em 2009 eu me formei e não participei da equipe do IPA também. Em 2011 eu vim para a ESEF¹⁸ para fazer a especialização e eu queria já participar, tinha desejo de participar da equipe, só que eu não tinha tempo. Eu estava trabalhando, fazendo a especialização e não tinha tempo. Em 2012 eu consegui tempo e eu conversei com o Jefferson¹⁹ e comecei a jogar na equipe.

C.M. – Você morou em São Paulo ou foi para São Paulo só para jogar?

R.S. – Sim. Fui para São Paulo para jogar.

C.M. – E como foi essa experiência?

R.S. – Foi muito boa quanto a um aprendizado pessoal. Eu evoluí muito pessoalmente, por que... E também questões de futebol. Porque eu saí de uma realidade no Rio Grande do Sul, que eu treinava duas, três vezes na semana, morava com a minha mãe, estudava, trabalhava nos horários que tinha e fui para São Paulo para uma coisa mais profissional, eu treinava todos os dias, fazia faculdade, morava numa casa de atleta que tinham quinze meninas, então foi uma coisa totalmente diferente. E isso foi bem difícil para mim: ter que morar com quinze meninas, saber que as quinze meninas cada uma era de uma região do país, são culturas diferentes, culturas diferentes e tu saber lidar com isso foi muito difícil. E no campo também. Foi a primeira vez que eu fui para uma equipe que não conhecia. Ninguém me conhecia, porque aqui no Rio Grande do Sul, se eu trocasse de equipe alguma

¹⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁵ Instituto Porto Alegre.

¹⁶ Jogos Universitários Gaúchos.

¹⁷ Universidade Feevale.

¹⁸ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹⁹ Jeferson Dickel, treinador do time da UFRGS nos anos 2011 até o 2013.

atleta me conhecia, o treinador já teria me visto jogar, alguma coisa assim. Mas em São Paulo ninguém me conhecia, então eu tive que passar por essa dificuldade, principalmente no início de adaptação, primeiro morar numa casa com quinze gurias que eu não conhecia, segundo entrar num grupo que já tinham várias gurias que se conheciam, já tinham um grupo fechado e eu vir do Rio Grande do Sul, foi uma barreira que eu tive que passar. Mas depois de uns dois, três meses, as gurias foram muito solidárias, eu consegui me adaptar bem e depois fiquei aquele ano inteiro jogando futebol de campo e futebol de salão.

C.M. – Em qual time?

R.S. – São Caetano.

C.M. – E por que você tomou essa decisão de ir lá para jogar?

R.S. – Porque no Rio Grande do Sul não tínhamos muito incentivo. Em São Paulo sempre foi a referência, todo mundo sonha jogar em São Paulo. Mas às vezes a gente coloca na cabeça que São Paulo é o melhor estado para se jogar, só que quando tu chega lá, tu te depara com realidades que acontecem aqui também no Rio Grande do Sul, às vezes falta de incentivo, falta de dinheiro, no esporte mesmo. E a gente vê que às vezes aqui é ruim, mas lá também é ruim, a gente só idealiza lá, mas naquela época era bem parecido. Única diferença é que lá treinávamos todos os dias e tínhamos incentivo da faculdade, isso sim.

C.M. – Você, em algum momento, pensou em ser futebolista profissional?

R.S. – Sim, até... Acho que a minha grande decepção foi São Paulo. Eu fui para São Paulo, meu início foi muito difícil, depois eu consegui me equilibrar, eu estava melhor fisicamente, tecnicamente do que várias meninas. E a minha grande decepção foi lá e eu vi que não. Vou voltar para o Rio Grande do Sul, vou estudar, vou trabalhar e vou poder praticar o futebol como *hobby* mesmo. O treinador me convocou para uma competição e esqueceu de me inscrever. Então, eu fui para a competição, chegou no dia do jogo, uma hora antes do jogo, ele chegou para mim e disse: “Olha, tu não vai pode jogar, porque eu esqueci de te inscrever”. Então ali foi a grande decepção, desde aquele momento, que foi

na metade do ano, que eu estava lá em cima, em termos de desempenho, eu caí de desempenho e continuei o resto do ano lá, só para terminar a faculdade e voltei para o Rio Grande do Sul que era melhor.

C.M. – E no futsal, como foi a experiência?

R.S. – No futsal lá foi melhor, era o mesmo treinador, mas a vivência no esporte era muito mais profissional lá. Eu pude aprender muitas coisas, tanto técnica, quanto taticamente. Então, ele sabe muito de futebol e muito de futsal e tu aprende muita questão tática com ele. Eu aprendi muito. Nós jogamos jogos regionais, estadual... Então nós tivemos mais oportunidades no futsal do que no futebol de campo.

C.M. – O que significou para você, fazer parte desse time lá em São Paulo?

R.S. – Para mim é um grande... Eu tenho muito orgulho de falar, porque tem meninas que vão para São Paulo, dá um mês, dois meses e voltam, não aguentam. Eu sempre digo assim: “Eu passei por um grande desafio, uma grande barreira que eu consegui passar”, porque morar fora de casa, ter toda uma estrutura que não é a que tu tem em casa, morar com pessoas diferentes, conviver num grupo de trinta pessoas, passar por tudo que eu passei, eu digo que é muito orgulho eu poder dizer isso. E jogar com meninas que foram, são referências, Aline Pellegrino, passei um ano com a Aline Pellegrino, ela jogava comigo. Meninas que estão na seleção, se vierem para o Rio Grande do Sul, sentam do meu lado, conversa, a gente lembra de momentos. É muito gratificante, é muito bom, apesar de toda dificuldade. Eu cresci pessoalmente e profissionalmente, porque eu aprendi muita coisa lá. Eu aprendi questões técnicas e táticas que quando eu voltei para o Rio Grande do Sul, de uma forma ou de outra, eu era mais diferenciada. Então, foi o que me ajudou nas outras equipes.

C.M. – Então você entrou você entrou no time da UFRGS no ano de 2012?

R.S. – Isso.

C.M. – Por que você tomou essa decisão de começar a treinar com o time da UFRGS?

R.S. – Porque em 2010 eu parei de jogar futebol de campo, porque em 2007 eu rompi o ligamento do meu joelho direito, e em 2010 rompi o ligamento do joelho esquerdo. E eu decidi em 2010 que eu ia parar de jogar futebol de campo. Entre 2010 e 2011 eu fiz cirurgia, fiz fisioterapia e abandonei o esporte. Em 2012 eu falei: “Preciso voltar a jogar futebol” porque eu digo que está no sangue, quem jogou uma vez, quem participou de uma competição, não fica longe muito tempo. A gente precisa daquela adrenalina, do frio na barriga, aquela sensação de tu fardar e ir para o jogo, de tu não dormir um dia antes porque tem jogo no outro dia. Então, eu precisava daquilo, eu estava sentindo falta do esporte. E em 2012 eu falei: “Preciso voltar”. Como eu não queria nada muito profissional, até porque eu já tinha duas cirurgias no joelho, já não tinha mais tanta idade. Eu resolvi entrar na equipe da UFRGS, até porque também tinham meninas que são minhas amigas desde a época do Inter como a Lícia²⁰ e a Su²¹, que me davam animo para vir treinar na UFRGS.

C.M. – E como tem sido essa experiência como jogadora? Como foi essa experiência como jogadora dentro do time da UFRGS?

R.S. – Bah! Foi uma coisa que eu não... Às vezes... Essas sensações que eu ainda não tinha sentido no esporte. Jogar um jogo universitário com toda a pressão que nós tivemos em 2012, 2013, 2014 eu não tinha sentido ainda toda uma rivalidade. Está certo que lá quando eu jogava no sub-13 do Inter a gente jogou Grenal²² que tem a mesma rivalidade, mas com doze, treze anos, tu não tem ainda aquela percepção do que é o jogo, do que é a rivalidade mesmo. E na UFRGS eu pude ter bem essa sensação do “frio na barriga”, até porque eu estava retornando ao esporte, eu tinha um prazer a mais de retornar ao esporte. Então, toda aquela sensação pré-competição foi sensacional.

C.M. – Qual era sua principal motivação para treinar e se manter dentro do time?

²⁰ Lícia Sobrosa Machado.

²¹ Suellen Ramos dos Santos.

²² Clássico disputado entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o Sport Club Internacional.

R.S. – A minha principal motivação era sempre ganhar. Eu tinha que ganhar a competição. Então desde o início eu sabia que os jogos universitários, o JUGS, é a principal competição para a UFRGS e para as demais Universidades, sempre o meu objetivo e a minha motivação era ganhar o JUGS, sempre foi, e depois a Copa Unisinos²³. Então, por isso era a minha motivação, eu tinha que ganhar aquela competição. Até porque a UFRGS pelo histórico, sempre vai atirar na trave, desde 2008 vinha fazendo boas campanhas e em 2012 tem que ganhar.

C.M. – O que significou para você pertencer a esse time?

R.S. – Esse time é um time que acolhe as pessoas. A gente fala que é uma família. Então pertencer a toda essa família, não é... Eu penso que eu não sou apenas, eu não sou só uma nessa vida. Eu sou a Rafaela da equipe da UFRGS. Hoje no futsal, onde é que a Rafaela jogou? O principal lugar que todo mundo diz: “A Rafaela jogou na UFRGS”. Não é: “Jogou no Inter”; Não é: “Jogou na ULBRA”; Não é: “Jogou no Juventude²⁴”, não. A Rafaela jogou na UFRGS. Então essa é a principal coisa que eu... É a referência.

C.M. – Agora você é a treinadora do time da UFRGS, porque tomou está decisão?

R.S. – Porque ano passado, em 2014, eu estava no meu segundo ano de mestrado e eu combinei com o Jefferson, treinador, que eu ia até o JUGS porque eu precisava do segundo semestre para terminar a minha dissertação. E quando terminou o JUGS e nós fomos campeãs, eu falei: “Bom, nós fomos campeãs, acabou aqui a minha missão né?” Eu mesmo não jogando na quadra, na competição eu não joguei na final, eu sabia que ali eu tinha feito o meu papel como equipe, como família, agregando. Então eu pensei que até por causa do mestrado, eu disse que ali já tinha chegado no meu limite, até por causa da minha idade e pelas minhas condições físicas, porque duas cirurgias nos joelhos são meio complicadas para treinar, e eu saí. O JUGS terminou em junho e em julho eu senti falta e eu procurei o Jefferson e disse: “Ah eu gostaria de mesmo longe, eu gostaria de fazer parte”, até porque eu sabia que isso aqui é uma família e eu nunca ia sair, de uma forma ou de outra. E ele

²³ Universidade de Vale do Rio dos Sinos.

falou: “Quem sabe tu me ajuda?” E eu no semestre passado, estava ajudando de uma forma bem sutil. Quando precisava, eu vinha, até porque não tinha muito tempo por causa do mestrado. E no final do ano o Jefferson disse para mim que não ia continuar, porque o masculino ia ficar sem equipe e ele precisava mexer até na motivação dele. Então, como eu terminei o mestrado e estava entre mestrado e doutorado, eu pensei e percebi que eu sentia falta do esporte. Mesmo eu me tornando pesquisadora, eu não estou pesquisadora na área do esporte, então eu sinto falta daquela adrenalina e da motivação. E é um desafio, o professor me convidou, o Jefferson também e eu aceitei o desafio de assumir a equipe. E por incrível que parece, eu fico mais nervosa, mais ansiosa do que quando eu jogava. Então, mexeu comigo isso, a questão de me desafiar mesmo, de me tornar treinadora.

C.M. – E o que significa para você, ter esse cargo de treinadora, nesse time que você tanto quer?

R.S. – Ah, é uma responsabilidade imensa. Até porque ano passado nós fomos campeãs do Universitário e nesse ano a gente precisava manter o nível e apesar da equipe se reestruturar, sair muitas meninas e mudar a comissão, a gente conseguiu manter um nível. Conseguimos pelo menos nos tornar vice-campeãs. É um desafio e uma responsabilidade muito grande de manter a equipe da UFRGS, que a gente sabe que no esporte Universitário, tem nome já, conseguiu de uma forma crescente, conseguiu chegar no topo e ter que manter o trabalho. Um desafio muito grande e uma responsabilidade muito grande.

C.M. – Você acha que a Universidade apoia o time da UFRGS?

R.S. – Acho que sim. Acho que sim. No início, eu acredito que não, porque eu vejo que as pessoas olhavam meio com receio: “Será que elas vão dar certo?” “Será que essa equipe é boa?” e aí foram mostrando ano a ano que a equipe estava se formando e melhorando. Mesmo com toda essa reestruturação da equipe esse ano, as pessoas olhavam e diziam: “Oh. Eu acho que não vai dar esse ano” e a gente conseguiu mostrar que sem tanta qualidade como ano passado, a gente conseguiu se manter. Então a UFRGS não tem um

²⁴ Esporte Clube Juventude.

time desse ano, ela tem um grupo que vem se formando há muitos anos, esse trabalho não é de hoje. Nós fomos vice-campeãs não pelo meu trabalho, mas é um trabalho que vem se formando desde 2008, com a formação dos nossos professores, dos outros treinadores e a gente tem que tentar manter.

C.M. – E de qual forma a Universidade apoia o time?

R.S. – Bom. O primeiro de estrutura física, disponibilizando o ginásio, essas coisas. O professor Voser²⁵, que é o nosso responsável, sempre me pergunta: “Rafa, você estão precisando de alguma coisa, colete, bola, etc.?” E sempre que têm competições, a Universidade apoia financeiramente, disponibilizando a verba para nós irmos às competições.

C.M. – Como você pode descrever a sua experiência como mulher que joga ou jogou futebol e joga futsal ou jogou futsal e no sentido que o esporte é considerado socialmente masculino?

R.S. – Essa é uma pergunta difícil de responder. A gente sofre até hoje preconceito, apesar de o futebol feminino estar um pouco mais na mídia a gente sofreu preconceito e acredito que ainda por uns bons anos a gente vai sofrer de uma forma não tão firme, mas... Até porque todo mundo diz: “Mulher que joga futebol é muito masculinizada”, mas não é bem assim. Mas eu acredito que a minha experiência ela foi mudando ao longo dos anos, da mesma forma que o preconceito vem mudando ao longo dos anos. Lá com os meus cinco anos, as pessoas diziam que eu era um guri e hoje, eu sou treinadora da equipe da UFRGS e as meninas... É um motivo, eu chego no meu ambiente de trabalho fora da UFRGS: “Bah! Tu viu? A Rafaela é treinadora do time da UFRGS”. Não tem mais tanto preconceito. Então ninguém... Pelo menos para mim, ninguém chega: “Ah, tu está assim, está assado”. As pessoas estão começando a respeitar um pouco mais.

²⁵ Rogério da Cunha Voser.

C.M. – Você lembra alguma experiência relacionada com preconceito por ser mulher que joga?

R.S. – Sim. Na escola, ou lá onde eu morava, já chegaram várias pessoas olhando para mim e dizer: “Tu é um guri ou uma guria? ”, só porque eu estava jogando futebol com os meninos. Ou muitas vezes, durante um jogo, lá com os meus vizinhos ou no colégio, um guri chegar para ti e dizer: “Oh guri, toca a bola”, mas ele saber que tu é guria. Então de uma forma ou de outra é um preconceito.

C.M. – Qual é a melhor coisa que o futebol, ou futsal, trouxe para a sua vida?

R.S. – Eu acho que ele me instigou a determinação e a responsabilidade. Primeiro que tu tem que ser responsável perante a equipe e ter uma dedicação, tem que trabalhar e se dedicar para um objetivo. Então são duas coisas que o esporte, futebol e futsal, contribuíram para a minha vida. Eu consegui ter essas duas coisas, através do esporte.

C.M. – E você acha que tem algum aspecto não tão bom, negativo, dentro dessa experiência, além do preconceito?

R.S. – Não. Acho que só o preconceito, é o principal na real. O pior aspecto negativo.

C.M. – O que significou e o que significa agora, o futebol e o futsal, para você?

R.S. – Para mim sempre foi a minha principal motivação, o futebol e o futsal. Eu sempre estudava bem, ia bem nas provas para poder jogar o futebol. Era sempre assim, minha mãe dizia: “Estuda que tu vai jogar, se tu tirar nota baixa, tu não vai jogar” e hoje para mim é um motivo de satisfação pessoal, porque hoje eu não posso trabalhar profissionalmente com esporte, porque hoje sou pesquisadora de uma área totalmente diferente disso, é uma área médica, mas de qualquer forma, sem receber, só por satisfação, eu venho para cá e dou treino porque é bem isso que eu te falei, é satisfação. É meu *hobby*, é o momento que fico mais feliz de me manter no esporte.

C.M. – E antes, o que significava?

R.S. – Era tudo para mim. O futebol sempre foi tudo. Tudo que eu fazia, era voltado para o futebol. Se perguntavam: “Onde que está a Rafa? ” Se não está no Inter e não está treinando, está jogando bola com alguém. Se não tem lugar para jogar, joga bola em casa, joga bola dentro de casa, meu vizinho me matava para isso. Porque eu batia bola e o lustre dele tremia. Então futebol era tudo para mim. Eu jogava futebol de manhã, de tarde e de noite. Então...

C.M. – Rafa, alguma coisa que tenha a mais que você queira me contar relacionada a sua experiência pessoal com o futsal ou o futebol?

R.S. – Não, acho que não.

C.M. – Então, muito obrigada por aceitar fazer a entrevista.

R.S. – De nada.

[FINAL DA ENTREVISTA]